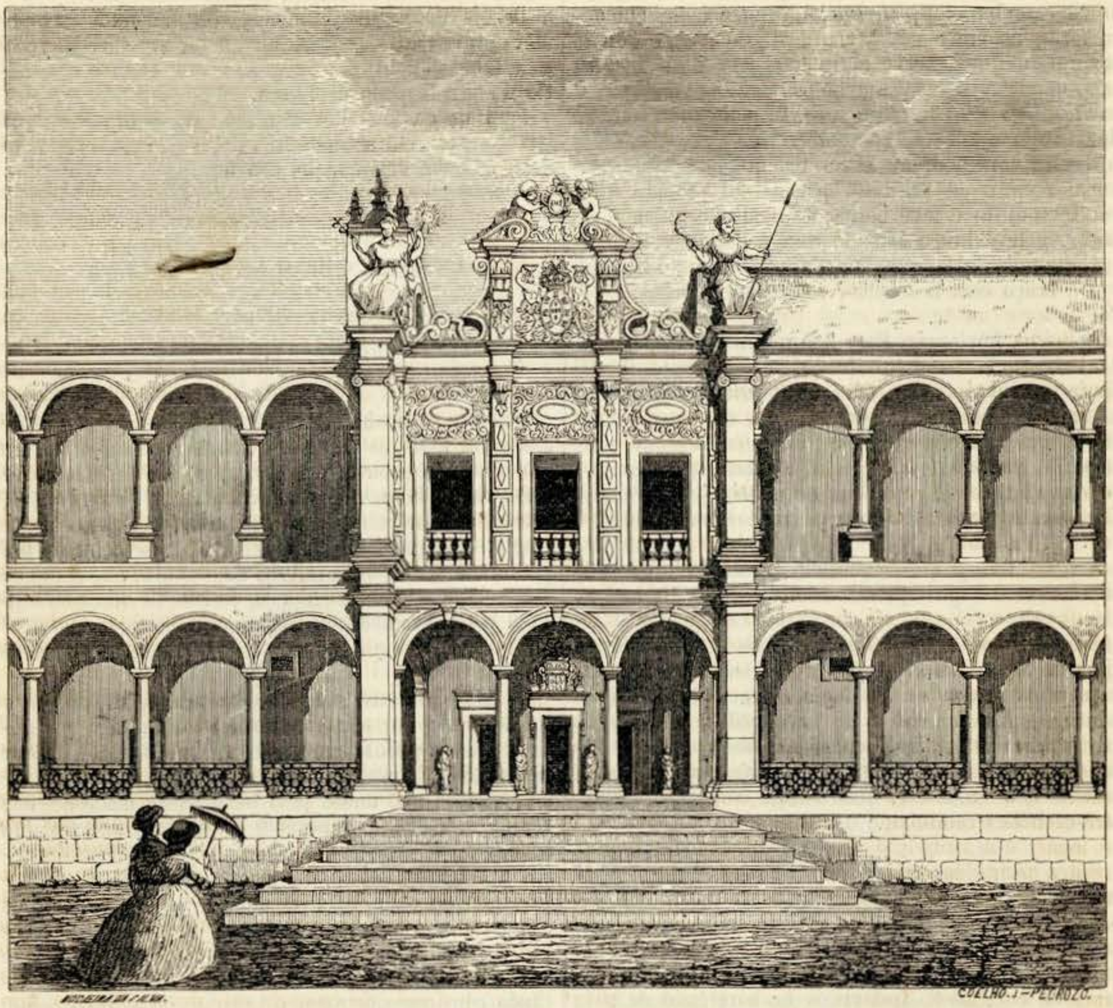


Sala dos actos da antiga Universidade de Evora — Desenho de Nogueira da Silva

Os collegios da extincta companhia de Jesus, se não se recommendavam pelos primores da architectura, eram todos grandiosos. O de Evora foi o maior que a companhia teve em Portugal. Boa amostra é a estampa da sala dos actos que hoje publicâmos.

A principio fundára-o o cardeal D. Henrique para seminario do arcebispado de Evora; depois, querendo ennobrecer aquella sua diocese, e dar um testimunho esplendido do affecto que tinha á nova corporação religiosa, lh'o deu e depois elevou á categoria de Universidade, apesar da opposição que a este intento fez a de Coimbra, e tal que só depois da morte del-rei D. João III, e quando o cardeal entrou no governo do reino, é que alcançou do papa a bulla da instituição datada de 18 de setembro de 1558.

Para os actos d'esta nova Universidade é que o cardeal mandou fazer a magnifica sala, cuja fachada mostra a gravura junta.

A descripção da sua fabrica e dimensões acha-se no II tomo da *Chronica da Companhia*, pelo P. Balthasar Telles, d'onde vâmos extractar o mais essencial para intelligencia da estampa.

Chegando (o cardeal) a Evora, mandou traçar e edificar o claustro e pateo da Universidade, que é uma obra em tudo grandiosa, e que bem parece foi parto de uma resolução real.

Tem este claustro de largura e comprimento (por ser quadrado), de parede a parede, 246 palmos, que vem a ser 89 covados em medida de architectura. Tem de vão a área debaixo das varandas e largura no frontispicio, 160 palmos: tem suas varandas á roda, pelas quaes se sobe por escadas de marmore. Por estas varandas se vão abrindo as classes, ou geraes, que são, oito de latim, quatro de philosophia e dois de theologia, todos mui capazes para receber muitos ouvintes.

Sustentam-se os arcos d'estas varandas em grossas e mui formosas columnas de marmore, mui polido, lustrado e engraçado, com suas bases e capiteis do mesmo; por todas são noventa e seis; d'estas ha cincoenta e duas que sustentam os arcos de todo o edificio em quadra, entre as quaes ha pilares de cantaria que dividem as columnas com egual proporção. Por cima d'estes arcos vão janellas rasgadas nos lados, nove de cada lado; e na frontaria uma que fica sobre os arcos, a que acompanham nos lados duas varandas, cujas cornijas de pedraria estribam sobre quinze columnas de marmore branco, de oito palmos cada uma, que com as que vão para baixo dos arcos fazem alegre vista.

Na fachada do geral onde se fazem os actos principaes, fica no mais alto, entre a cornija e cimalha, um Jesus de letras de oiro, com raios do mesmo, em campo azul, e para remate, em cima de tudo, uma

cruz de pedraria lavrada, com seu calvario ao pé, e abaixo da cornija estão as armas d'esta Universidade del-rei D. Henrique, com sua tarja nos lados; em uma parte um braço pontifical com sceptro na mão, a quem anima esta letra: *Virga tua;* no outro lado, em outra tarja, apparece um braço de bispo com o baculo pastoral, a quem serve outra letra que diz: *Baculus tuus;* que vem a ser allusão ao psalmo 23: *Virga tua et baculus ipsa me consolata sunt.* Respeitando esta emblematica empreza ao magnifico fundador d'aquella Universidade, na qual havia baculo de pontifice, e houve sceptro de principe, porque foi prelado e foi rei; teve mitra e teve coroa; teve mão com bago de pastor, e teve braço armado com poder de rei.

Abaixo da tarja que fica da parte esquerda, que tem o braço com o sceptro, se lê este letreiro:

Henricus Lusitaniæ Rex, hoc nomine primus, sanctæ romanæ ecclesiæ cardinalis, totius Lusitaniæ ditionis legatus à latere, fideique inquisitor maximus, antistes bracharensis, ulysiponensis, eborensis, hanc possuit academiam, theologiæ, moralis doctrinæ, philosophiæ, humanitatis, legendi, scribendique gymnasia complectentem, regalibus ac pontificijs privilegijs munitam et Societati Jesu sujectam. Anno 1559.

E sobre a tarja que fica á mão direita do braço pontifical com o bago tem outro letreiro que diz assim:

Rex idem anno 1551 *hoc Societatis Jesu collegium, Spiritus Sancti nomine, fundavit, cui annexuit alterum convictorum ex theologis a purificatione nuncupatum. Ex moralibus ac naturalibus philosophis capellanos instituit quinquaginta, nosocomium excitavit, convictoribus capellanis, tenuisbusque schloasticis benignè curandis, quae omnia Societatis gubernationi libens commisit.*

Entre estas duas tarjas, com seus letreiros, se abre uma formosa janella rasgada que dá luz á sala, ou geral; e no alto d'ella está o escudo das armas reaes, com coroa de rei, e sombreiro de bispo, sobre o qual fica uma pomba que significa o Espirito Santo, debaixo de cuja santissima protecção está fundada toda a machina d'esta Universidade.

Na porta do pateo exterior, por onde se entra nas classes da Universidade, sobre a verga da cimalha que descança em duas columnas de cantaria, se lê uma letra que diz: *Emitte lucem tuam et veritatem tuam,* tirado do psalmo 42, em testimunho de que todos os lentes e discipulos da Universidade esperam do divino Espirito, seu padroeiro, a luz e augmento das sciencias que n'estas escholas desejam alcançar, e por elles falla a porta por onde entram cada dia duas vezes.

No meio d'este grande pateo está uma formosa fonte, aonde vem demandar a mui celebrada agua da Prata, de que este collegio tem boa quantidade. A obra d'esta fonte toda é de marmore com duas taças, que primeiro em si recebem a agua, e depois a lançam em um tanque quadrado, feito em tal proporção, que postos sobre elle podem os estudantes beber da agua, e recrear-se com a frescura da fonte que liberalmente está sempre correndo.

No tempo em que vivia no collegio o serenissimo cardeal fundador, tinha grande recreação, saindo algumas vezes á varanda, de ver beber na fonte os estudantes; e observando uma vez que os de menor edade não chegavam bem, lhes mandou fazer uns supplementos de marmore sobre os quatro lados do tanque, em que subissem, e chegassem á sua vontade; que tal era a paternal providencia d'este esclarecido principe, tal o cuidado que tinha dos seus estudantes, tal o gosto de que lhe bebessem da sua fonte.

Esta é descripção da parte do edificio que mostra a nossa estampa, cujo desenho não foi tirado de ponto que désse a medida da sua total grandeza. Quando voltarmos a fallar d'esta memoravel Universidade, daremos mais ampla noticia da sua edificação.

Depois da extincção dos jesuitas, andou sempre mal aproveitado este grande edificio, até que em 1836 se estabeleceu alli a casa-pia, e em 1845 o seminario do arcebispado de Evora.

Para os exames dos alumnos do seminario e do lyceu serve esta sumptuosa sala, cuja conservação se deve ao bom destino que ora tem.

AS DOZE PEROLAS DO COLLAR

LENDA DAS ESCHOLAS CHINEZAS

(TRADUCÇÃO DE R. PAGANINO)

(Vid. pag. 158)

Quando se acabaram de dizer todas as lições e de examinar todos os themas, o bonzo levantou-se, e com um profundo espirito de justiça, com a palavra grave e florida do homem costumado a fallar ás multidões, entrou a distribuir pelos discipulos, ora palavras de elogio, das que levam a alegria ao coração, como um perfumado licor; ora palavras de censura, que segundo a energica expressão chineza, torcem os olhos do culpado para lhe expremerem lagrimas de arrependimento. Por fim dirigindo-se a todos, concluiu por estas palavras:

— Sêde constantes nas vossas resoluções, porque o sabio disse: um pensamento deve durar dez mil annos. Sêde prudentes no vosso comportamento, porque elle tambem disse: Se queres occultar o vestigio de teus passos não andes pela neve. Sêde discretos nas vossas relações, porque está escripto: a palavra dita ao ouvido de um amigo é ouvida pelos nossos inimigos a distancia de mil *lis* (cem legoas). Sêde estudiosos, porque os antigos diziam: a arvore sem ramos é um cepo, o homem sem estudos é um cego. Livraevos de calumniar ou de dizer mal dos outros, porque tambem se disse: os homens tem na boca um machado com que destroem o proprio corpo. Finalmente crescei em amor pela sabedoria, é o meio de chegar á altura dos immortaes, porque está escripto: os dez mil povos pertencem ao imperador, porém os dez mil seculos pertencem ao sabio.

Tendo concluido esta instrucção, o religioso buddhaico, dirigindo-se a Yang, perguntou-lhe:

— Se estivesses no meu logar terias andado d'outro modo, terias fallado melhor?

O professor menos admirado dos ares de auctoridade do visitador, do que maravilhado pela sapiencia do seu discurso, e pela attitude cheia de dignidade que tomava na cadeira, respondeu-lhe prostrando-se:

— Sois um illustre leccionador, meu piedoso irmão mais velho, a minha fraqueza inclina-se ante a vossa superioridade.

— A vossa fraqueza? — repetiu o bonzo reassumindo os seus modos severos, já vamos ver isso. Até agora limitei-me a fazer perguntas aos estudantes, é justo que tambem chegue a sua vez ao mestre.

Tornando então a pegar no pincel dispoz doze folhas de papel de seda, e em cada uma d'ellas traçou rapidamente quatro caracteres. Tanto o mestre como os discipulos, com o olhar fito e a attenção suspensa, seguiam com admiração os movimentos graciosos do pincel, n'aquelles dedos flexiveis e ligeiros. Quando o discipulo de Budha cessou de escrever, Yang exclamou:

— Bem dizia eu! sois um illustre professor! O vosso pincel volteando com a rapidez dos dragões semeou uma orvalhada de pedras preciosas, porque o que aca-

baes de escrever são esses enigmas historicos, que denominam: *as doze perolas do collar*.

— E podel-as-heis vós explicar, replicou o sabio religioso com um sorriso, em que transparecia visivelmente a duvida.

— Tental-o-hei ao menos, respondeu com modestia Yang, a luz perfeita.

Immediatamente, por trabalho dos discipulos, foram as doze legendas pregadas na parede á vista de toda a classe.

Entretanto não omittâmos um ponto importante para a fidelidade da historia. A criada do mestre-eschola, *Siao-tsing-yen* (andorinha azul), tinha ido de porta em porta annunciar aos habitantes da rua das perpetuas aquaticas que um genio extraordinario, mas com caracter rispido e aborrecido, viera visitar seu amo, e que o tal espirito das regiões celestes, occulto sob o trajo de um bonzo mendigo, tendo-se apossado do logar de mais consideração, estava substituindo o professor na aula. Os visinhos, pensando que se tratava de um dos immortaes, que povoam ás myriades a montanha *Kouan-lun* (paraiso dos Chins situado a oeste do imperio), apressaram-se em repetir no bairro todo, as palavras da andorinha azul; de sorte que no momento destinado para a explicação das doze legendas, a turba, que se dirigira á rua das perpetuas aquaticas, invadiu o templo do estudo. Apesar d'esta affluencia no auditorio, o mestre não perdeu a presença de espirito, e tendo saudado de novo o seu hospede, começou:

— A primeira legenda diz: *Hiao kan tong thien*, a sua piedade filial commove profundamente o ceo. Refere-se ao santo imperador Chun, que principiou a reinar no vigesimo terceiro anno do septimo cyclo [1], no tempo em que foram inventados os primeiros instrumentos da sciencia do ceo, e em que o curso dos astros começou a ser regularmente observado. Chun, na sua mocidade, não tinha sido destinado para governar o imperio; passou a primeira metade da sua vida a cultivar a terra. Seu pai era um homem simples e ignorante, a sua madrasta tinha um genio feroz, o seu irmão mais velho era avarento, o mais novo orgulhoso. Chun não era amado por seus pais, posto que lhes fosse cheio de obediencia e de amor. Muitas vezes, quando se encaminhava para a montanha de Li, a cultivar os campos, uma profunda tristeza se apoderava do seu coração, e entregava-se ao pranto, pois era uma grande lastima para Chun saber que era odiado, elle que tudo emprehendia para ser amado.

O ceo commovido pela sua piedosa afflicção, e não querendo que o tempo que elle consagrava aos seus choros fosse tempo perdido para os trabalhos da agricultura, mandou aos elephantes que lavrassem em seu logar, e ás avesinhas dos ares que arrancassem as hervas ruins. Quando recolhia para casa á noite, Chun sentava-se no ultimo logar e contentava-se com o alimento mais ordinario. Satisfazia assim ás exigencias do orgulhoso e do avarento; assegurava-se assim da paz entre o simples e o intratavel.

Chegou o tempo em que o augusto imperador Yao completou o septuagesimo anno do seu reinado, e o octogesimo de idade. Tinha nove filhos, mas nenhum d'elles lhe parecia merecer o throno. Lamentava pois não o poder deixar a um successor digno de si, quando ouviu fallar na piedade, na moderação de Chun. Então raciocinando do pequeno para o grande, o sabio imperador pensou, que os principios de bom governo se achavam em germen no coração do que possue o espirito da familia, e que o homem, que é capaz de estabelecer ordem e manter a boa harmonia n'uma casa, póde egualmente governar bem um imperio. Yao mandou os seus nove filhos ter com Chun. Tendo-o estes encontrado, quando ia traçando um rego nos campos, disseram-lhe textualmente as palavras da legenda: «A piedade filial commove profundamente os ceos». Acrescentaram: «Larga a charrua pelo sceptro; Yao, nosso pai te associa ao imperio, vem reinar em sua companhia».

Chun continuou por cincoenta annos a prosperidade do reinado do seu antecessor. Foi d'esta epocha que se escreveu: «A virtude é honrada na terra». O imperador pacificamente sentado no throno do dragão, descançava os braços, e o imperio era bem governado.

— A segunda legenda diz: *Tsin tchang tang yo*, provava os medicamentos. Refere-se esta ao piedoso Ouen-Ti, que foi elevado ao cargo de pae e mãe das cem familias (imperador da China) no vigesimo primeiro anno do quarto cyclo, na epocha, pouco mais ou menos, em que as mercadorias estrangeiras começavam a ser introduzidas nas nove provincias (China). Ouen-Ti, tendo chegado ao poder supremo, conservára para com sua mãe a mesma submissão e respeito que conservára no tempo da sua infancia. Acabrunhada pelas enfermidades da velhice a mãe de Ouen-Ti teve uma doença, que não durou menos de tres annos. Ouen-Ti não descançou uma vez só na cama, nem largou uma vez sequer o cinto da sua tunica imperial. A augusta doente não queria tomar coisa alguma que não fosse pela mão de seu filho: e não queria beber remedio algum, sem que seu filho tocasse com os labios, ao menos, a borda do vaso que o continha. O piedoso filho vencendo o tedio, que lhe causava muitas vezes a amarga bebida, dizia comsigo: o que salva a mãe não póde deixar de ser agradavel ao coração do filho. E depois de ter provado, dirigia-se á doente: É bom, dizia, porque é para lhe dar saude. Depois de tres annos de padecimento, a mãe de Ouen-Ti, morreu; porque está escripto: «que o medico triumpha quando trata a doença; mas não quando tem que luctar com o destino». O imperador não sobreviveu a esta perda. O titulo honorifico de Ouen-Ti no templo de seus antepassados é *Hiao*, que quer dizer a piedade filial em pessoa.

— A terceira legenda diz: *Ki tchi tong sin*, dedo picado, coração abalado. Refere-se esta a Tseng-Tzé um dos discipulos do Santo homem (Confucio). É o exemplo que demonstra melhor a influencia secreta que póde existir entre a mãe e o filho, quando este se compenetra sinceramente dos deveres da piedade filial. Tseng-Tzé estava na montanha cuidando em cortar lenha para casa. Um parente de sua mãe, que passava por aquella terra, foi visitar n'essa occasião a boa mulher, que estava sósinha em casa, e como mostrasse desejos de ver o seu parente, a mãe de Tseng-Tzé disse-lhe: «anda a cinco *lis* (meia legoa) de casa, mas eu já o chamo». O parente ficou maravilhado por a ouvir fallar de similhante maneira, porque não imaginava que a voz humana se podesse ouvir a tanta distancia. A velhinha percebendo a admiração, entrou a rir, e tirando um alfinete do cabello deu uma leve picada na extremidade do dedo minimo e depois voltando-se para a sua visita: não tarda ahi; disse-lhe com toda a confiança.

No momento em que sua mãe deu a picada no dedo minimo, seu filho, que estava conversando com um amigo seu, e cortando os ramos das arvores, soltou um grito, deixou cair a machadinha, e levou a mão ao coração como se lhe tivessem de repente enterrado uma agulha. Cheio de cuidado, desceu rapidamente a montanha, chegou a casa e caiu aos pés de sua mãe perguntando o que lhe acontecêra. «Foi uma leve picada, respondeu ella, mostrando a seu filho uma gottinha de sangue suspensa na extremidade do dedo minimo como uma perola de coral. Este nosso parente queria ver-te; como a minha voz não podia alcan-

[1] 2255 annos antes de J. Christo.

çar-te, tive que recorrer a este meio para que viesses a casa.»

— A quarta legenda diz: *Ouan loui ki mou.* «Quando ouve o trovão vae chorar sobre a sepultura». Refere-se isto a Ouang-Fu, que vivia no quinquagesimo quarto cyclo, quando os habitantes do imperio celeste se começaram a sentar em bancos e cadeiras altas. [1] Ouang-Fu, em quanto sua mãe existiu, esgotou todos os recursos do seu coração para a servir. Em virtude dos piedosos cuidados de seu filho chegou ella a uma adiantada edade, de sorte que Ouang-Fu já contava setenta annos, e sua mãe ainda vivia. Como ella visse com pezar que se aproximava do termo da vida, seu filho, para a enganar na conta dos annos, mostrava-se criança, apesar mesmo da sua velhice. Não obstante a sua elevada posição na corte, aquelle grave magistrado entretinha-se diante de sua mãe com todos os divertimentos proprios da primeira infancia. Imaginava milhares de loucuras pueris, para que a respeitavel velha se esquecesse de que vivêra tanto, e que lhe parecesse verosimil viver por muito tempo ainda. Fôra sempre propenso ao medo o coração da boa mulher, o que mais a atemorisava porém eram os clarões dos relampagos e o ruido da tormenta. Quando o açoite da tempestade (o relampago) lhe deslumbrava os olhos, fazia-se livida, ficava trémula, e dizia: «Vou morrer.» Ouang-Fu teve a grande dor de ver sua mãe vestida com os trajes finaes (a mortalha). Depois da morte d'aquella que nas familias chamâmos a misericordiosa [2], o piedoso filho, sempre que ouvia rugir o trovão, lembrava-se dos passados terrores de sua mãe, e receiando que o sinistro ruido a perturbasse no somno da morte, corria-lhe ao tumulo, deitava-se sobre a pedra sepulchral, e dizia-lhe chorando: «Não tenhas medo, minha mãe, está aqui teu filho!»

— A quinta legenda diz: *Tau i chun mou.* Tem um vestido apenas, e pratica a obediencia para com tua mãe. Refere-se isto a Tzé-Kien, que nasceu no 26.° cyclo, na epocha em que foi inventada a agulha que mostra o sul. [3] Tzé-Kien era muito novo quando perdeu sua mãe. Seu pae casára segunda vez, e a sua esposa tinha-lhe dado mais dois filhos. A nova esposa por isso mesmo que extremosamente amava seus filhos, aborrecia de morte a Tzé-Kien. Nos mezes de inverno, no tempo do gelo e das neves, mandava-o, sem compaixão alguma, trabalhar nos campos exposto a todos os rigores da estação. A pobre criança vestia apenas um simples fato de folhas de junco, e os dois filhos de sua madrasta tinham vestuarios de tecidos mais quentes. Tzé-Kien guiava o carro de seu pae, e algumas vezes de tal maneira o entorpecia o frio, que deixava cair as redeas da mão. Excitado pela madrasta, o pae castigava-o então cruelmente. Tzé-Kien soffria tudo com paciencia, e se, a seu pezar, alguma queixa lhe saía da boca, ao menos nem um pensamento sequer de vingança lhe entrava no coração. A maneira por que soffria tão resignadamente tormentos tão pouco merecidos, commoveu os espiritos celestes, que dissiparam a cegueira do pae. Envergonhou-se este da sua injustiça para com um filho tão animoso, e cheio de indignação contra a perversa creatura que o fizera complice do odio que nutria, quiz repudial-a, posto que fosse contrario á lei, por haverem dois filhos do matrimonio. Tzé-Kien, sabendo a resolução de seu pae, despersuadiu-o dizendo-lhe estas nobres palavras: «Em quanto a mãe se conservar em casa só um filho terá frio; mas apenas se retirar, tres filhos ficarão orphãos. A madrasta, tendo-lhe ouvido estas palavras, encheu-se de pejo pelo seu procedimento passado, e de reconhecimento por um filho que tão merecedor se tornava da sua ternura, desde então não lhe teve menos amor do que aos seus dois filhos.

— A sexta legenda diz: *Gouei tsin fu mi.* «Carrega arroz para a sua amada (mãe)». Refere-se isto a Tsaï-Chun, que vivia no 45.° cyclo, na epocha em que a religião de Fó se introduziu no imperio dos quatro mares (imperio chinez). [1] A familia de Tsaï-Chun era pobre; e elle, para prover á subsistencia de sua mãe, comia só hervas do campo. Chegou uma epocha de fome. O filho só pôde, para alimentar a pobre mulher, que ficára viuva, colher amoras silvestres. E assim passava o tempo extremando com o maior cuidado as maduras das verdes. Tsaï-Chun foi encontrado um dia por uns salteadores nomeados os palpebras vermelhas, quando se estava entretendo a colher as amoras que apanhára.

— Que estás fazendo? — perguntaram-lhe.

— Estou dividindo a minha colheita. As amoras maduras aparto-as para minha mãe; as verdes para mim.

Os palpebras vermelhas, commovidos por tanta piedade filial em annos tão tenros, deram-lhe tres medidas de arroz e dois quartos de carneiro.

Cessou a fome, mas a mãe de Tsaï-Chun continuava a ser pobre. Elle, mais crescido e mais forte, já podia supportar as fadigas, e ia ás vezes trabalhar a distancia de cem *lis* (dez legoas), para poder trazer á viuva uma provisão de arroz, que lhe chegasse para as suas refeições. Mais tarde Tsaï-Chun foi elevado a altos empregos, e chegou a ser extremamente rico; mas, desgraçadamente, n'essa epocha já sua mãe não vivia. N'esses periodos de grandeza gostava de ir visitar o asylo da sua miseria, e quando passeava seguido por cem carros e escoltado por um bando de escravos, Tsaï-Chun dizia suspirando: «Por que não hei de eu estar n'aquelle tempo em que me nutria de hervas do campo? Prouvera a Deus que eu ainda carregasse com arroz para minha mãe a distancias de cem *lis;* mas eis o que não póde ser!» E assim fallando, Tsaï-Chun, o illustre magistrado, chorava como uma criança.

(Continua)

FABRICA DE LANIFICIOS DA ARRENTELLA

A fabrica de lanificios que a nossa estampa representa, desenhada do sitio mais frondoso e pittoresco, com ser a mais recente de todas quantas ha hoje no districto de Lisboa, tem já grande reputação no mercado pela variedade e perfeito acabamento dos seus productos.

Antes de darmos noticia da fabrica, desejará o leitor conhecer o sitio onde ella está estabelecida, qual é o logar da Arrentella, na villa do Seixal, outr'ora afamada pelas muitas quintas que alli tinha a nossa fidalguia, e os frades excellentes brévias.

Devemos ao sr. Manuel Teixeira de Sousa, acreditado facultativo d'aquella villa, a resenha que se segue.

«O concelho do Seixal está situado na margem esquerda do Tejo, fronteiro a Lisboa, de que dista duas legoas. Consta de quatro freguezias: a de N. S. da Conceição do Seixal, a de N. S. da Consolação da Arrentella, a de N. S. da Annunciada da aldeia de Paio Pires, e a de N. S. do Monte Sião da Amora. É povoado por 5.069 individuos distribuidos por 1.475 fogos.

As primeiras tres freguezias estão assentadas n'um tracto de terra de fórma mais ou menos regularmente triangular, estendendo-se de N. a S. uma legoa, e de L. a SE. outro tanto, pouco mais ou menos, incluindo os casaes e pinhal que pertencem ás mesmas freguezias.

[1] Pelo anno 550 da era christã.

[2] A mãe, em relação aos filhos.

[3] A bussola no anno 1114 antes de Jesu-Christo. A agulha magnetisada estava em uso então para as viagens ao sul, e conservava o nome da direcção para que servia.

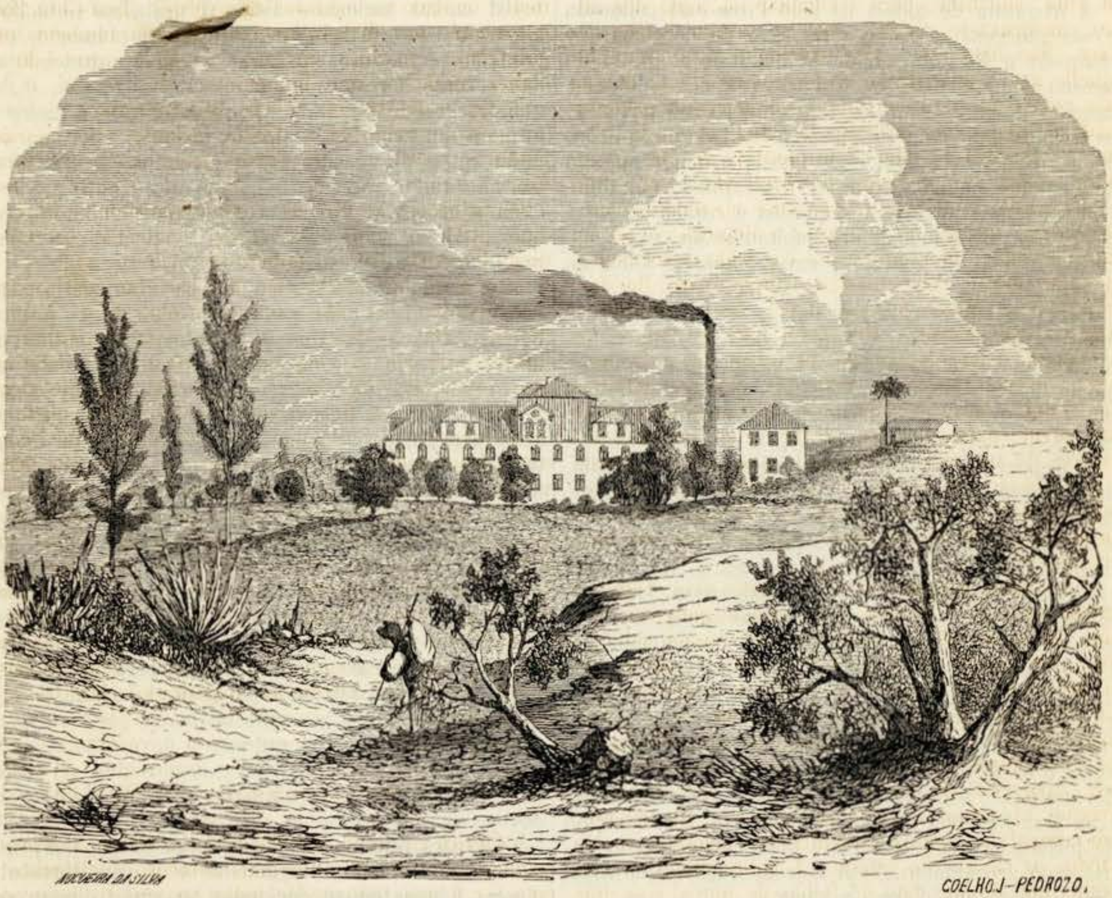
[1] No anno 70 da era de J. Christo proximamente.

A villa do Seixal, que é cabeça do concelho, está situada na extremidade norte junto da praia banhada pe.as aguas do Tejo, que ahi fazem uma enseada, a qual, bifurcando-se, vae com uma das bifurcações para SE., até se encontrar com as aguas do rio do Judeu; e com a outra, dirigida para noroeste, banha a freguezia de Amora, até expirar em Corroios. Tem duas ruas principaes, de fórma semicircular, com a convexidade para o norte, e a concavidade para o sul; algumas pequenas travéssas e becos, com dois ou tres largos de pequena capacidade.

É formada por 603 fogos habitados por 1.125 individuos do sexo masculino e 1.106 do sexo feminino.

Não tem edificios notaveis; pelo contrario, quasi todas as construcções são acanhadas, e muitas sem condições de salubridade. Possue tres fabricas; uma de productos chimicos pertencente a Padrel & C.ª, ha pouco estabelecida; outra de sabão pelo processo hespanhol; e outra de sola, antiga e notavel pelo seu bom fabrico.

Os habitantes do Seixal quasi todos se empregam na pesca fóra da barra. Muito poucos são fazendeiros, e ainda menos artistas.



Fabrica de lanificios da Arrentella — Desenho de Nogueira de Silva

Partindo do Seixal para sueste, ao longo da praia banhada por um dos ramos da bifurcação da enseada, fica a um quarto de legoa, pouco mais ou menos, o logar da Arrentella, situado n'uma encosta, onde existe a maior parte dos habitantes da freguezia; e a 110 metros mais para S.O. está um logarejo chamado a Torre da Marinha, hoje notavel porque em suas faldas está edificada a fabrica que a estampa representa. Este logarejo, com o logar da Arrentella, e alguns casaes disseminanos pelo Sul, contém 338 fogos, com 514 individuos do sexo masculino e 432 do feminino. Os seus edificios são tambem muito acanhados, espalhados sem ordem, e com tal irregularidade, que nem formam o que se possa chamar uma rua.

No caminho do Seixal para a Torre encontra-se a quinta de Paulo Jorge, onde está edificada a fabrica de productos chimicos; logo adiante a do Oiteiro, pertencente a João Coelho de Abreu; em seguida a de Val de Grou, ou da Fidalga, pertencente a Manuel da Gama; a das Cavaquinhas, e a do Cabral, que termina mesmo no logar da Arrentella. D'aqui até á Torre ha mais pequenas propriedades pertencentes a diversos. Para o sul, tanto do Seixal como da Arrentella, ha differentes quintas e muitos casaes com fazendas annexas. A freguezia da Arrentella ainda se estende para sueste obra de tres quartos de legoa, tudo pinhal, que foi dos frades Jeronymos, e hoje pertencente a herdeiros de Abraham Wheelhouse. Os seus habitantes quasi que exclusivamente se empregam na industria agricola.

Partindo do Seixal para léste encontra-se a quinta de D. Maria, onde existe a fabrica de sola que já mencionámos; em seguida a da Trindade, e ultimamente uma ponta de terra que entra pelas aguas do Tejo, e constitue o chamado rio de Coina, onde estão situados dois grandes armazens do estado, e na praia contigua muita madeira sotterrada para construcções navaes. A este logar chama-se Azinheira. Voltando d'este ponto para o sul segue o rio de Coina na extensão de uma legoa, em cuja margem se notam algumas intercepções devidas a pequenas enseadas que faz o mesmo rio, e que dão serventia publica e particular a differentes quintas que estão na ordem seguinte: Parte da dita quinta da Trindade; a dos Paulistas; duas azenhas de agua salgada com quatorze pedras para moagem de trigos; a do Alamo; a da

Madre de Deus, com uma azenha tambem de oito pedras; a quinta do Descanço; a dos Loureiros; a da Ponte; a do Portinho; a de D. Maria (freguezia de aldeia de Paio Pires); a quinta das Cannas; a do Leilão; a do Lima; a da Palmeira, com uma azenha de sete ou oito pedras; a do Brejo (em Cucena); a do Cabo da Linha; a Quinta-Nova, com um lagar de azeite. Segue-se um pequeno tracto de pinhal, que vae terminar junto de uma azenha chamada de José Moto, e onde finalisa por este lado o concelho. Quasi todas estas quintas nada tem de notavel, a não ser a extrema deterioração de algumas, e o pouco ou nenhum lucro de todas.

A freguezia de aldeia de Paio Pires está collocada n'esta margem, e começa no sitio de desembarque chamado o Portinho, onde já notámos a quinta do mesmo nome. Está assente n'uma pequena eminencia lançada de léste a oeste; tem uma só rua tortuosa; os predios tem mais alguma regularidade e condições de salubridade. É aqui onde habita o maior numero de gente, achando-se o resto disseminado por differentes e pouco importantes quintas e casaes ao sul e oeste. Tem 259 fogos, 562 habitantes do sexo masculino e 527 do feminino, empregando-se todos na lavoira.

Como se vê por esta resenha, estas tres freguezias formam um triangulo, estando a do Seixal na extremidade norte, a da Arrentella na de sueste, e a de aldeia de Paio Pires na extremidade de léste. Distam umas das outras um quarto de legoa pouco mais ou menos.

A freguezia da Amora fica fronteira á da Arrentella, de que está separada em parte pela enseada do Tejo, de que já fallámos, que começa no Seixal e vae terminar por uma das suas bifurcações na fabrica de lanificios, e em parte por um pequeno regato que chamam «rio do Judeo,» o qual passa junto da mesma fabrica, e lhe fornece as suas aguas. Esta freguezia, pelo lado do sul e nascente, é banhada pelas aguas de que ha pouco fizemos menção, e pelas da outra bifurcação da mesma enseada, que dirigindo-se para noroeste vae terminar no logar de Corroios, junto d'uma azenha de 8 pedras. A sua população é de 562 habitantes do sexo masculino e 527 do feminino, habitando 279 fogos disseminados por uma área de meia legoa de norte a sul, e outro tanto de léste a oeste, pouco mais ou menos, sem symetria nem arruamento. Tem hoje uma fabrica de moagem e descasque d'arroz a vapor.

Pelas orlas das enseadas ha differentes quintas de pouca notoriedade, exceptuando a de S. Alteza a Serenissima Senhora D. Isabel Maria, ao noroeste da freguezia, para as bandas de Corroios, onde se nota bello e antigo arvoredo, restos d'antigos tanques e cascatas, tudo deteriorado e como abandonado.

Eis em resumo a descripção das freguezias que constituem o concelho do Seixal, o qual está cingido pelo de Almada ao norte e noroeste; pelo de Cezimbra a oeste e soeste: pelo sul por o de Azeitão: pelo norte em parte, e pelo nascente pelas aguas do Tejo. O terreno é accidentado, argilo-arenoso, predominando mais na grande maioria da extensão o ultimo principio. É muito proprio para vinha sem deixar de ter aptidão para outras culturas. Arvores d'espinho e caroço dão-se em alguns sitios excellentemente. Os legumes e cereaes tambem se criam menos mal, segundo o favor da estação. A propriedade está muito dividida. A videira é o genero escolhido e preferido para as plantações intermeiadas e orladas d'arvores de differentes generos e especies. Pelo meio das vinhas semeia-se milho e feijão. Os fructos são excellentes, a uva é especial e produz vinho magnifico para exportação. Os outros fructos são muito procurados: a laranja talvez seja a primeira que sae para os portos de Inglaterra. O terreno, com quanto não seja d'uma fertilidade admiravel, comtudo, se não estivesse ainda luctando com as epidemias vegetaes, indemnisava bem o lavrador do seu constante e arduo trabalho. A producção do vinho, que era d'onde o lavrador esperava o reembolso e remuneração, está hoje reduzida a $^1/_5$ ou $^1/_6$. De um mappa official obtido da administração se póde ver a somma dos productos mais importantes d'este concelho. Vinho 508 pipas (ha dez ou doze annos era de 3:000) — azeite 35 — trigo 4:668 alqueires — milho 31:476 ditos — centeio 1926 — cevada 988 feijão 7:500 — fava 30 — grão de bico 106 — laranja 1:777 milheiros ou 1:161 caixas inglezas — limão 4 milheiros — lã 168 kilogrammas — mel 143 — cera [illegible]. Ha tambem um producto importante em lenha de pinho, que é uma das arvores florestaes que melhor se dá aqui, e de que ha grande quantidade, de sorte que os pinhaes formam um cerco ás quatro freguezias.

As aguas d'este sitio são excellentes em quasi todas as quintas. No Seixal ha um unico poço, de boa agua e abundantes nascentes. Na Arrentella ha outro, porém não é tão bom. Na aldeia de Paio Pires tambem se extrahe de um unico poço, porém é muito assalobrada. Usam d'ella para lavagens; para beber vão buscal-a ás quintas particulares. A Amora tem bella agua, que rebenta continuamente por baixo de um muro junto á praia. O povo provê-se d'ella no baixa-mar, porque a maré quando está em meio cobre a nascente. A camara municipal já está auctorisada para remediar este inconveniente, e necessita tambem de augmentar a quantidade d'agua n'algumas freguezias, e procurar outra melhor na aldeia de Paio Pires.

Os habitantes do Seixal são, repetimos, quasi todos pescadores. Para mais nada tem aptidão, d'onde lhe provém ficarem expostos á miseria nos invernos tempestuosos. Os das outras freguezias são laboriosos. Desde crianças que vão habituados aos trabalhos do campo, e é raro que se destinem para outros misteres, e nenhum que eu saiba para as letras.

A salubridade do concelho na maior parte do anno é regular. De julho até outubro e novembro apparecem as febres intermittentes e remittentes, de todos os typos e generos, assolando os trabalhadores e as povoações mais visinhas dos arrozaes, que se tem feito n'estes ultimos annos em larga escala nos concelhos limitrophes. O augmento e a perniciosidade d'estas febres tem-se declarado na razão directa do incremento que tomaram os arrozaes, e do descuido da limpeza das vallas nos logares brejoeiros. Ha bem fundadas esperanças de melhorar a saude publica, quando se transformar em lei vigente o projecto do respectivo ministro fundado n'um extenso relatorio, onde a sciencia, a razão e os factos, escrupulosamente apreciados por uma competentissima commissão, elaboraram a sentença condemnatoria.

A villa do Seixal, pelo seu acanhamento, pela pessima construcção das casas, pela densidade da população, pela natural disposição para o pouco aceio e limpeza era muito sujeita a epidemias. Depois que as auctoridades mandaram calçar as ruas e fazer a limpeza d'ellas, com uma tal ou qual regularidade, e que os habitantes tem sido por vezes admoestados para observarem as regras hygienicas compativeis com o seu estado, é que se tem ganho muito, e mais se ganharia se os habitantes, na sua grande maioria, não reincidissem na infracção das admoestações, e mesmo das posturas municipaes.

A falta de educação não lhes deixa perceber a vantagem da austera observancia dos preceitos da limpeza do corpo, das casas e das ruas.»

O logar da Arrentella, d'onde esta fabrica tomou o nome, por alli estar situada, tem origem desconhe-

cida quanto á sua etymologia. Uns dizem que por ser terra levantada e despenhada para a parte do mar lhe chamaram os antigos *Arrectatellus;* outros que já se denominou Arrentella, por causa de estar em sitio levantado, onde communmente reinam os ventos. Alguns, em fim, dizem que se deve ser Arrentella por ter muitos arenosos. O certo é que desde muito tempo se chama Arrentella.

Por ser logar mui abundante de aguas, e á beira do Tejo, estabeleceu alli um André Durrieu, no principio d'este seculo, um lavadoiro de lãs, acrescentando o seu estabelecimento com armazens, casas e brejos que aforou aos frades do Carmo, senhorios de parte d'aquelles terrenos.

Em 1831 comprou o governo ao referido Durrieu esta propriedade por tres contos de réis, para alli estabelecer uma fabrica de mantas para o exercito.

Esta fabrica não durou muitos annos: os armazens arruinaram-se, até que se venderam juntamente com outros bens dos frades, a João Rodrigues Blanco, que a renovou para alli estabelecer uma fabrica de estamparia de algodões, a qual prosperou por muito tempo, até que decaiu com a alteração dos direitos da pauta.

Esteve fechada por alguns annos, e em 1855 o sr. Julio Caldas Aulete formou uma parceria mercantil para alli fundar uma fabrica de lanificios, com o capital de 160:000$000 rs. em acções de 100$000 rs. Começaram logo as edificações necessarias, compraram-se machinas para trabalhar a vapor, e em 1858 começou a fabricar, produzindo logo no primeiro anno 10.650 metros de pannos pretos, azues e mesclas.

Em 1859 entrou para gerente administrador d'esta parceria o sr. Manuel Egreja, que lhe deu grande impulso, e tanto, que n'esse anno produziu a fabrica da Arrentella 21.475 metros das mesmas fazendas, e diversas casimiras de côres.

No anno de 1861 já os productos tinham adquirido tal perfeição, que esta fabrica mandou á exposição industrial do Porto um variado sortimento de pannos aveludados, casimiras e castorinas de diversas côres, mesclas finas e ordinarias, tudo escolhido no seu deposito, e não expressamente fabricado para a Exposição. Tambem remetteu juntamente varias amostras de fio de lã de diversas côres.

Esta fabrica foi uma das premiadas n'esta Esposição.

No mesmo anno de 1861 produziu a fabriça da Arrentella perto de 40.000 metros dos diversos tecidos já mencionados.

Para elevar o seu capital a 200:000$000 rs. foi a parceria da Arrentella transformada em companhia por escriptura de 19 de maio proximo passado.

Tem esta fabrica uma excellente machina de vapor da força de 48 cavallos, que trabalha continuamente com toda a sua força. É obra da officina nacional do sr. Collares, e a primeira que se fez em Portugal.

Tem mais 6 machinas de fiação com 1.560 fusos: 32 teares mechanicos, além dos teares manuaes: diversas machinas de lavar, cardar, urdir, lustrar, e outras para tinturaria, todas aperfeiçoadas. Possue além d'isto as necessarias officinas de serralheria e carpintaria, etc.

Calcula-se em 150 contos de réis o valor dos edificios, machinas, utensilios, lã em deposito, etc.

O edificio que mostra a nossa gravura é o da fabrica, separado das outras officinas. Consta de tres pavimentos. No terreo está o motor, o lavadoiro, e a tinturaria. No segundo os teares, no terceiro a fiação, e trabalhos de acabamento.

Emprega diariamente, termo medio, 160 operarios, entre homens, mulheres, rapazes e raparigas.

Este trafego tem aviventado o logar da Arrentella, d'antes tão pobre e inculto, por falta de trabalho para a maioria da povoação.

As lãs que alli se consomem são do termo de Lisboa, do Alemtejo, de Hespanha, de Buenos Ayres, e de Alemanha, toda de boa qualidade, de que tem sempre grande deposito.

Muitos productos d'esta fabrica rivalisam já com os das estrangeiras, e de dia para dia se aperfeiçoam.

A presidencia da direcção da nova companhia foi confiada pela assembléa geral ao sr. Manuel Egreja, poderoso capitalista, que apesar de ser subdito hespanhol, é um dos mais zelosos e benemeritos promotores da nossa industria. O grande capital que tem empregado n'esta fabrica, o desvelo e intelligencia com que a tem feito progredir, promette um esperançoso futuro a este estabelecimento, e vantajosos lucros aos accionistas.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

PAZ ENTRE PORTUGAL E HESPANHA EM 1668

(Vid. pag. 154)

Chegou o dia um de fevereiro. Depois de breve conversação do secretario de estado com Schomberg, houve conselho de estado á boca da noite. Deviam ou não pôr o marquez de Liche em liberdade? Resolveram que em quanto não mostrasse e se não examinassem os plenos poderes que tinha, continuaria na prisão do castello em que estava. Mas ainda assim, já se pensava na escolha de commissarios para verem e examinarem aquelles poderes e as propostas, porque se tudo se achasse em devida fórma tratariam a paz, por mais que dissessem em contrario para tranquillisar a França.

Depois da carta de 27 de janeiro, o secretario de estado nada mais communicára da parte do principe ao enviado francez. Quanto este conseguia saber era pelo meio indirecto dos seus amigos. Eram por isso incessantes as diligencias que Saint-Romain fazia para que as vistas da França triumphassem n'esta conjunctura. Se não podia impedir que o governo portuguez ouvisse com alguma complacencia as propostas da paz; se não podia obrigal-o a despachar promptamente para França o convite a Luiz XIV; se não podia impedir que tratassem em quanto não viesse resposta de França; nada entretanto poupava, nada esquecia para augmentar a irresolução e embaraço do gabinete portuguez, posto entre a obrigação da liga e o desejo da paz. Procrastinar as coisas quanto fosse possivel era agora todo o seu empenho, porque estava persuadido que cada dia que passava sem que o negocio da paz se adiantasse, aproveitava consideravelmente á França. Para isso combatia por todos os modos a idéa da nomeação de commissarios para verificarem os poderes do marquez de Liche, por mais que dissessem que assim procuravam descobrir a intenção dos castelhanos para a revelarem a Luiz XIV, e não o obrigarem levianamente a enviar a Lisboa os seus plenipotenciarios.

Por outra parte Saint-Romain dizia ao seu governo, que o despacho de um plenipotenciario francez, ou ao menos de poderes, fôra o melhor remedio para acudir aos interesses agora ameaçados, porque não havendo poderes da parte de Hespanha para tratar com a França, ganhariam em que Portugal suspendesse, como não podia deixar de fazer, a negociação, enviando um plenipotenciario a Madrid, para resolver aquella corte ao tratado commum. Preferia o abbade o plenipotenciario a simples poderes, e em negocio de tanta consequencia desejava ver-se corroborado pelo primeiro meio.

Na mesma occasião escrevia a Ruvigny informando-o do que se passava e do procedimento dos ministros da Inglaterra, para que, se em Londres achasse as coisas dispostas, fizesse com que o governo inglez os retirasse de Lisboa, ou ao menos ordenasse que

não trabalhassem contra a honra da mediação del-rei seu amo, separando Portugal da França por meio d'uma paz particular.

Na manhã do dia 3, Saint-Romain e o conde de Schomberg procuraram no paço o secretario d'estado. Ia o primeiro agradecer-lhe as boas ausencias que Pedro Vieira d'elle fizera ao mesmo conde, e ouvir o que havia a respeito do negocio da paz. Depois de não pequeno discurso sobre o estado do povo e dos deputados, que pintou mui animados e inclinados á paz, o secretario acrescentou.

— Na ultima entrevista que tive com o marquez de Liche, me disse elle que não só não tinha poderes para tratar pazes com a França, mas até prohibição d'isso. Declarou que não mostraria os poderes que tinha para tratar em separado com Portugal, nem diria uma unica palavra das suas ordens tocantes a este tratado particular, em quanto não nomeassemos commissarios para conferirem e tratarem tudo com elle. O principe e o conselho julgaram por isso indispensavel a nomeação de commissarios para começarem esta negociação. O marquez desejou ser posto em liberdade, e o embaixador de Inglaterra pediu lh'o entregassem para o levar ás conferencias; mas até agora nem uma nem outra coisa se lhes concedeu, antes foi escolhido logar perto do castello para se reunirem, e lá conduzirão o marquez.

— Mas, quem são os commissarios nomeados, e quando se fará isso publico? (perguntou o abbade).

— São o duque de Cadaval, os marquezes de Gouvêa, Marialva e Niza, o conde de Miranda e eu (respondeu Pedro Vieira). Poderão ser esta tarde publicados.

Os marquezes de Gouvêa, Marialva e Niza eram os que tinham feito e assignado com Saint-Romain o tratado de liga. Mas o secretario d'estado, o duque de Cadaval, e o marquez de Gouvêa estavam agora conjurados a favor da paz, e ainda que os outros se inclinassem ás idéas francezas, não ousariam sustentar calorosamente que se retardasse a paz, como os segundos fariam para a adiantar. Sendo em numero egual os de uma, e de outra opinião, era ainda assim indubitavel que venceriam os que queriam já a paz.

— Mas (continuou o enviado francez), tendo o marquez de Liche declarado que tinha prohibição para tratar com a França, devia parar-se ahi. É para admirar que depois de tal declaração se nomeiem commissarios e se queira tratar, o que me obriga a fazer desde já reclamações. Será porventura intenção do principe romper a negociação se o marquez de Liche declarar o mesmo aos commissarios? Acaso se abandonou já a idéa de mandar consultar a França?

— Nada d'isso sei (tornou Vieira). S. A. deliberará então. Permanece no intento de mandar um enviado a França, e fazer tudo pela satisfação del-rei christianissimo. Demorae a vossa fragata mais alguns dias.

Isto radicava Saint-Romain cada vez mais no temor de que, se os poderes do marquez de Liche fossem achados em fórma, não sería o respeito ao tratado de alliança franceza, que impediria Portugal de continuar e concluir a negociação com Hespanha.

O abbade começava a descrer do principe, e a dizer que se não podiam esperar d'elle grandes coisas. Receava do que publicamente se dizia, que os castelhanos promettiam obter de Roma não só um bispado mas até o chapeo de cardeal para o secretario d'estado: ouvia, que o duque de Cadaval communicára a sua pretenção aos deputados da nobreza, empenhando-os a seu favor, sem ter fallado n'ella ao principe: e entretanto via-os ambos nomeados commissarios para tratarem da paz!

Tudo se tratava sem prévia communicação com o abbade, cujas queixas nada produziam! Meditou por isso no modo de obrigar o governo portuguez a fazer-lhe algumas propostas como satisfação á sua corte, ou ao menos propol-as elle proprio, guiado pelas instrucções que tinha. Se Portugal (propunha Saint-Romain) fizesse de boa fé a seguinte campanha, el-rei de França consentiria, depois d'ella, na sua paz particular, garantindo-lha elle proprio.

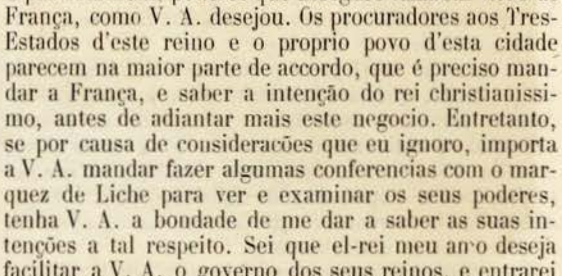
Com similhante intuito queixou-se á rainha e aos principaes do conselho de estado e da nobreza, da precipitação com que se andava n'esta negociação, dizendo, que parecia ser conduzida por castelhanos a fim de poderem retirar a tempo todas as tropas das fronteiras d'este reino, para as empregarem contra a França na campanha seguinte; acrescentando que, mesmo quando não houvesse tratado de alliança, Portugal não podia com honra dispensar-se de preferir n'esta occasião a liga franceza á castelhana. D'aqui nasceu esta memoria que dirigiu ao infante:

«Senhor. — O secretario d'estado disse-me hontem da parte de V. A., que na conferencia que tivera no castello com o marquez de Liche, este lhe declarára que não só não tinha poderes para tratar pazes com a França, mas até ordem expressa em contrario; e que, não obstante esta declaração, V. A. resolvêra nomear commissarios para examinarem os seus poderes e tratarem com elle. Sería manifesta contravenção ao tratado de alliança, se se entrásse d'este modo em negociação. O tratado obriga um e outro rei alliado a declarar, que nada quer ouvir nem tratar senão conjunctamente. Não posso, por isso, dispensar-me de supplicar mais uma vez a V. A. que faça a tal respeito toda a reflexão que merece a auctoridade d'um tratado solemne, a regia palavra de V. A. e a amizade e alliança del-rei meu amo; e mande dizer ao marquez de Liche, que reclame de Castella poderes para tratar a paz commum; poderes que asseguro tambem virão de França, como V. A. desejou. Os procuradores aos Tres-Estados d'este reino e o proprio povo d'esta cidade parecem na maior parte de accordo, que é preciso mandar a França, e saber a intenção do rei christianissimo, antes de adiantar mais este negocio. Entretanto, se por causa de considerações que eu ignoro, importa a V. A. mandar fazer algumas conferencias com o marquez de Liche para ver e examinar os seus poderes, tenha V. A. a bondade de me dar a saber as suas intenções a tal respeito. Sei que el-rei meu amo deseja facilitar a V. A. o governo dos seus reinos, e entrarei em todas as razões e interesses de V. A., nada deixando a desejar da minha affeição e respeito pelo bem de V. A. e d'este estado.

«Mas é preciso intendermo-nos, e por uma inteira, plena, e sincera communicação de todas as coisas, antes de as resolver, estabelecer confiança d'uma e d'outra parte, para achar os expedientes convenientes, conciliar e accommodar todos os interesses que parecem differentes e oppostos, e conduzir o negocio a bom e honroso fim. Em Lisboa a 4 de fevereiro 1668.»

(Continua) José de Torres.

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sempaio.